

poemas

TÍTULO: Poemas

AUTOR: Viriato da Cruz

Capa: Luandino 60

1.^a Edição: Casa dos Estudantes do Império.

Colecção de Autores Ultramarinos. Lisboa 1961

Composição e impressão: Editorial Minerva. Lisboa.

2.^a Edição: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA)

A presente edição reproduz integralmente o texto da 1.^a edição.

Artes Finais da Capa: Judite Cília

Composição e Paginação: Fotocompográfica. Almada.

Impressão: Printer Portuguesa. Mem Martins.

Esta edição destina-se a ser distribuída gratuitamente pelo Jornal SOL, não podendo ser vendida separadamente.

Tiragem: 45 000

Lisboa 2014

Depósito Legal: 378 383/14

Apoios Institucionais:



COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

VIRIATO DA CRUZ

*Colectânea
de
poemas
(1947-1950)*

*LISBOA
MCMLXI*

COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

Dirigida por

CARLOS EDUARDO
COSTA ANDRADE

N.º 1 — *Amor*, por M. António

N.º 2 — *A Cidade e a Infância*, por Luandino Vieira

N.º 3 — *Fuga* (Poemas, 1960) de Arnaldo Santos

N.º 4 — *Poemas* de Viriato da Cruz (1961)

Viriato da Cruz nasceu em Porto Amboim, Angola, a 25 de Março de 1928. Foi um dos mais destacados elementos do *Movimento dos Novos Intelectuais de Angola*, surgido em Luanda por volta de 1950 com a revista literária MENSAGEM, órgão da Associação dos Naturais de Angola. Tem colaboração dispersa por vários jornais de Angola e Moçambique. Figura no *Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa*, de Francisco José Tenreiro e Mário P. de Andrade, na *Antologia da Poesia Negra de Expressão Portuguesa*, de Mário P. de Andrade, ed. de Pierre Jean Oswald, Paris, e na *Colectânea de Poetas Angolanos*, de Carlos Eduardo, edição da Casa dos Estudantes do Império, Lisboa.



m a k è z ú

— «Kuakié!... Makèzú, Makèzú...»
.....

O pregão da avó Ximinha
É mesmo como os seus panos,
Já não tem a cor berrante
Que tinha nos outros anos.

Avó Xima está velhinha
Mas de manhã, manhãzinha,
Pede licença ao reumático
E num passo nada prático
Rasga estradinhas na areia...

Lá vai para um cajueiro
Que se levanta altaneiro

No cruzeiro dos caminhos
Das gentes que vão p'ra Baixa.

Nem criados, nem pedreiros
Nem alegres lavadeiras
Dessa nova geração
Das «venidas de alcatrão»
Ouvem o fraco pregão
Da velhinha quitandeira.

— «Kuakié!... Makèzú, Makèzú...»

— «Antão, véia, hoje nada?»

— «Nada, mano Filisberto...

Hoje os tempo tá mudado...»

— «Mas tá passá gente perto...

Como é aqui tás fazendo isso?»

— «Não sabe?! Todo esse povo

Pegô um costume novo

Qui diz quê civrização:

Come só pão com chouriço

Ou toma café com pão...

E diz ainda pru cima,
(Hum... mbundo kène muxima...)
Qui o nosso bom makèzú
É pra veios como tu».

— «Eles não sabe o que diz...
Pru quê qui vivi filiz
E tem cem ano eu e tu?»

— «É pruquê nossas raiz
Tem força do makèzú!...»

COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

Dirigida por

CARLOS EDUARDO
COSTA ANDRADE

N.º 1 — *Amor*, de M. António

N.º 2 — *A Cidade e a Infância*, de Luandino Vieira

N.º 3 — *Fuga* (Poemas, 1960) de Arnaldo Santos

N.º 4 — *Poemas* de Viriato da Cruz (1961)

s ô s a n t o

Lá vai o sô Santo...

Bengala na mão

Grande corrente de ouro, que sai da lapela

Ao bolso... que não tem um tostão.

Quando o sô Santo passa

Gente e mais gente vem à janela:

— «Bom dia, padrinho...»

— «Olá...»

— «Beçá cumpadre...»

— «Como está?...»

— «Bom-om di-ia sô Saaanto!...»

— «Olá, Povo!...»

Mas porque é saudado em coro?

Porque tem muitos afilhados?

Porque tem corrente de ouro
A enfeitar sua pobreza?...
Não me responde, avó Naxa?

— «Sô Santo teve riqueza...
Dono de musseques e mais musseques...
Padrinho de moleques e mais moleques...
Macho de amantes e mais amantes,
Beça-nganas bonitas
Que cantam pelas rebitas:

«Muari-ngana Santo
dim-dom
ual'o banda ó calaçala
dim-dom
chaluto mu muzumbo
dim-dom...»

Sô Santo...

Banquetes p'ra gentes desconhecidas
Noivado da filha durando semanas
Kitoto e batuque pró povo cá fora
Champanha, 'ngaieta tocando lá dentro...
Garganta cansando:
«Coma e arrebenta
e o que sobrar vai no mar...»

«Hum-hum
Mas deixa...
Quando o sô Santo morrer,
Vamos chamar um kimbanda
Para 'Ngombo nos dizer
Se a sua grande desgraça
Foi desamparo de Sandu
Ou se é já própria da Raça...»

Lá vai...
 descendo a calçada
A mesma calçada que outrora subia
Cigarro apagado
Bengala na mão...

...Se ele é o símbolo da Raça
ou vingança de Sandu...



n a m o r o

Mandei-lhe uma carta em papel perfumado
e com letra bonita eu disse ela tinha
um sorrir luminoso tão quente e gaiato
como o sol de Novembro brincando de artista nas
[acácias floridas
espalhando diamantes na fimbria do mar
e dando calor ao sumo das mangas
Sua pele macia — era sumaúma...
Sua pele macia, da cor do jambo, cheirando a rosas
sua pele macia guardava as doçuras do corpo rijo
tão rijo e tão doce — como o maboque...
Seus seios, laranjas — laranjas do Loge
seus dentes:.. — marfim...
Mandei-lhe essa carta
e ela disse que não.

Mandei-lhe um cartão
que o amigo Maninho tipografou:
«Por ti sofre o meu coração»
Num canto — SIM, noutro canto — NÃO
E ela o canto do NÃO dobrou

Mandei-lhe um recado pela Zefa do Sete
pedindo rogando de joelhos no chão
pela Senhora do Cabo, pela Santa Ifigénia,
me desse a ventura do seu namoro...
E ela disse que não.

Levei à avó Chica, quimbanda de fama
a areia da marca que o seu pé deixou
para que fizesse um feitiço forte e seguro
que nela nascesse um amor como o meu...
E o feitiço falhou.

Esperei-a de tarde, à porta da fábrica,
ofertei-lhe um colar e um anel e um broche,
paguei-lhe doces na calçada da Missão,
ficámos num banco do largo da Estátua,
afaguei-lhe as mãos...
falei-lhe de amor... e ela disse que não.

Andei barbado, sujo e descalço,
como um mona-ngamba.
Procuraram por mim
«— Não viu... (ai, não viu...?) não viu Benjamim?»
E perdido me deram no morro da Samba.

Para me distrair
levaram-me ao baile do sô Januário
mas ela lá estava num canto a rir
contando o meu caso às moças mais lindas do
[Bairro Operário

Tocaram uma rumba — dancei com ela
e num passo maluco voámos na sala
qual uma estrela riscando o céu!
E a malta gritou: «Aí, Benjamim!»
Olhei-a nos olhos — sorriu para mim
pedi-lhe um beijo — e ela disse que sim.



serão de menino

Na noite morna, escura de breu,
enquanto na vasta sanzala do céu
de volta de estrelas, quais fogaréus,
os anjos escutam parábolas de santos...

na noite de breu,
ao quente da voz
de suas avós,
meninos se encantam
de contos bantus...

«Era uma vez uma corça
dona de cabra sem macho...

.....

... Matreiro, o cágado lento

tuc... tuc... foi entrando
para o conselho animal..
(«— Tão tarde que ele chegou!»)
Abriu a boca e falou —
deu a sentença final:
«— Não tenham medo da força!
Se o leão o alheio retém
— luta ao Mal! Vitória ao Bem!
tire-se ao leão, dê-se à corça.»

Mas quando lá fora
o vento irado nas frestas chora
e ramos xuaxalha de altas mulembas
e portas bambas batem em massembas
os meninos se apertam de olhos abertos:
— Eué
— É casumbi...

E a gente grande —
bem perto dali
feijão descascando para a quitanda
— a gente grande com gosto ri...

Com gosto ri, porque ela diz
que o casumbi males só faz

a quem não tem amor, aos mais
seres buscam, em negra noite,
essa outra voz de casumbi
essa outra voz — Felicidade...



rimance da menina da roça

A menina da roça
está no terreiro
cosendo a toalhinha
pró seu enxoval...
— «Que céu tão lindo!,
e o encanto da mata!...
Ai, tanta beleza
no cafezal...»

A menina da roça terá poesia
terá poesia nos olhos de mel?

A menina da roça
chega à janela
e na estrada branca
a vista longa...

— «É o carro a vir?!»
Não... é o bater compassado
do aço de enxadas
dos negros na tonga...

A menina da roça tem é um namoro
tem um namoro com um motorista

A menina da roça
veio à varanda
e os olhos erra
no verde à toa
— «Está ele a chegar?!»
Ah... são negros pilando
dendém para azeite
na grande canoa

(Prucutum, lá do telheiro,
vai chamar o meu amor)

A menina da roça
acorda à noite
ouviu um barulho
na escuridão
— «O carro chegou!...»

Oh... é o pulsar
apressado
do seu coração

(Porque bates tão depressa, coração alucinado?
coração alucinado, espera que o dia amanheça)

— «Já viu a minina?...»
«Hem... tem cor marela
do mburututu...»
— «E não come nem nada...»
— «E os olhos de mel
'tão-se afundar
num lago azul
que faz sonhar...»
Conversam as negras
à boca apertada

(Minha dor, ninguém a saiba —
não há perigo em que ela caiba)

A menina da roça
escuta dorida
a triste canção
que vem do rio.

Que vem do rio? — Que vem do peito:
baixinho, lá dentro,
chora de amor
o coração

Menina da roça — águas do rio
saudades da fonte... desejos de amar.

m a m ã n e g r a

(Canto de esperança)

Tua presença, minha Mãe — drama vivo duma Raça
drama de carne e sangue
que a Vida escreveu com a pena de séculos.

Pela tua voz

Vozes vindas dos canaviais dos arrozais dos cafezais
[dos seringais dos algodoais...
Vozes das plantações da Virgínia
dos campos das Carolinas
Alabama
Cuba
Brasil...

Vozes dos engenhos dos banguês das tongas
[dos eitos das pampas das usinas
Vozes do Harlem District South
vozes das sanzalas
Vozes gemendo *blues*, subindo do Mississipi,
[ecoando dos vagões
Vozes chorando na voz de Carrothers:
Lord God, what evil have we done
Vozes de toda a América. Vozes de toda a África.
Voz de todas as vozes, na voz altiva de Langston
na bela voz de Guillén...

Pelo teu dorso

Rebrilhantes dorsos aos sóis mais fortes do mundo
Rebrilhantes dorsos, fecundando com sangue, com
[suor amaciando as mais ricas terras do mundo
Rebrilhantes dorsos (ai a cor desses dorsos...)
Rebrilhantes dorsos torcidos no *tronco*,
[pendentes da força caídos por Lynch.
Rebrilhantes dorsos (ah, como brilham esses dorsos),
ressuscitados com Zumbi, em Toussaint alevantados.
Rebrilhantes dorsos...
brilhem, brilhem, batedores de jazz
rebentem, rebentem, grilhetas da Alma
evade-te, ó Alma, nas asas da Música!

... do brilho do Sol, do Sol fecundo
imortal
e belo...

Pelo teu regaço, minha Mãe

Outras gentes embaladas
à voz da ternura ninadas
do teu leite alimentadas
de bondade e poesia
de música ritmo e graça...
santos poetas e sábios...
Outras gentes... não teus filhos,
que estes nascendo alimárias
semoventes, coisas várias
mais são filhos da desgraça
a enxada é o seu brinquedo
trabalho escravo — folguedo...

Pelos teus olhos, minha Mãe

Vejo oceanos de dor
claridades de sol posto, paisagens
roxas paisagens

dramas de Cam e Jafé...
Mas vejo também (oh, se vejo...)
mas vejo também que a luz roubada aos teus olhos,
[ora esplende
demoniacamente tentadora — como a Certeza...
cintilantemente firme — como a Esperança...
em nós outros teus filhos,
gerando, formando, anunciando
— o dia da humanidade
O DIA DA HUMANIDADE...

ÍNDICE

MAKÈZÚ	7
SÔ SANTO	11
NAMORO	15
SERÃO DE MENINO	19
RIMANCE DA MENINA DA ROÇA	23
MAMÃ NEGRA (canto de esperança)	27

